

actidade do membro do Conselho Fiscal ⁽²²⁾
da Coop. de Ramalde que humilhou e
afrontou a Coop. de Aldoar, e que um
tirado visto haviam cortado toda a espé-
cie de relações com Ramalde.

Isso e só isto foi o que se disse nas
assembleias, se mal não interpreto o
terceiro parágrafo da obscura carta.

Vejamos primeiro o corte de relações.
admitindo que o secretário do Conselho Fis-
cal de Ramalde tivesse ofendido os re-
presentantes de Aldoar, o facto do Presi-
dente da Direcção de Ramalde ter conor-
dado como a réplica que elles lhe deram
ilibrava immediatamente Ramalde de
quaisquer responsabilidades que justi-
ficassem a quebra de boa amizade.

Agora confronte o leitor este ofi-
cio com o extracto da acta, que adiante
se dá e veja se apenas se tratou na
assembleia do caso do autor da humil-
hação e directa consequência, ou
seja o corte de relações.

Quem falou verdade, eu, ou o autor da
carta anônima? Tive porventura exage-
rado? Pelo contrário...

x
A Coop. da Arvelida, informado também
pelo seu delegado pediu explicações a Aldoan
sobre uma afirmação feita na Assembleia
que além de ~~falsa~~ ^{ser} desprimorosa ^{na} ~~partida~~
~~de~~ de uma sociedade congênera, era falsa.

Houve entre as duas Coops. uma troca
larga de correspondência, a que eu fui
dado, totalmente alheio, embora de ~~algos~~
Alves houvesse me informado uma ou
outra vez da marcha do assunto. Até
que um dia, assistindo a sessão decidiram
me telefonar a informar que a Coope-
rativa de Aldoan ameaçava a Arvelida
de a levar ao tribunal se não apresentasse
provas das suas afirmações. Foi-me
recomendado ao verificar que as coisas não ti-
nham sido postas desde logo com to-
da a brevidade, buscando um qualquer
circunstanciamento a origem, eu referi o
delegado da Comissão que assistiu à

5/8/950 (Doc No 11)

Como me immediatament
à launtives assembleis d'Albar en
reduz a exento, conforme me foi promi
tudo, o que ali vis e ovis, no inter
cabo de publicament desaguar a
ideia cooperativista tao impune
ment, metthoda naquels sessos.
Vocè e Magalhães consideraram pro
prio, e temporaneo o meu pro
prio, aconselhando a que se dei
xasse para mais tarde, depois de
outras Cooperativas se terem promun
cadas sob a constitucão de U.C.
N. em que estavamos empesba
dos. Confornei-me; e, embora
entendesse que se devia atacar
desde logo o assunto, sem contin
gencias, que, como se provar
com Pereira, volundassum
meu desastre...

Sem tempo para lhes



o meu rebato, nem tanto estey
so, limitei-me a fugir. Heo
algumas das paragens mais
sabidas do discurso do tres
oobros. E entre varias citei-lhe
esta, curada sem cura de
divida, confusao ou delirio de
boca do 3.º orador da reunião.

Dr. Carlos L. Rumb: "Quem es-
ta a frente da Uniao (ou futura
Uniao)? A coop. da Arabida,
uma cooperativa falida. Termino
cuja conta do ano passado, a favor
de estarmos em Uniao ainda não
foam apresentadas! Nós não
pensamos da ajuda nem do
conselho de tal gente!"

E fra aqui fora, conforme
se veia no trabalho que a esse
tempo tracei a lume, para com
peito esclarecimento.

Porventura houve recebido a
mas ou a menos, nas reproduções
que lhes fiz. Em apenas registei
no momento uma ou outra pa-
lava que me viesse de quão pa-
ra immediatamente deltar todos
aquilo por ter. Mas garantindo
lhe a absoluta autenticidade do que
aqui lhe repito. De nenhum ponto
não houve nem deturpação, nem
sequer exagero. Foi isto, pala-
va a mais, probava a menos
o que o sr. C. L. P. disse em voz
que todos os presentes ouviram
como eu ouvi. Se o sr. Presi-
dente do Juizado e do Conselho
al se não recordam, isso não
é corrigido. E se o sr. C. L. P. os não
assim, amunidos copiosamente
a paternidade de tais frases,
também não é de nenhum con-
ta. O que lamenta é que

também todos a memória do
faria. Mas como por vezes é
insuficiente uma simples frase,
uma só palavra para reconstru-
tuir uma cena, ou um dis-
curso, interroguem-nos sobre o
que 'lá se disse acerca das Co-
operativas e o mercado negro...
Sim, porque o mesmo Sr.
C. L. P. insistiu, e não aci-
nou, que Coop. houve que
fiziam mercado negro,
sicondeando deste modo nas
penalidades da lei. Será ca-
paz de negar também isto
dito ali numa Assembleia
convocada para tratar da União
das Cooperativas?

Meu Caro Regente, Não
seije afirmar, confirmar

reafirmar tudo quanto
aqui lhe digo. Nunca se
nunca vios, pensei de
me retratar de afirmar
infundadas e muito que
nos respectivas.

Tudo farei de
o uso que quiser e

Brasil no mesmo
espírito de cooperação

Paul

Assembleia. Este facto de precisão per-
mitiu a um sr. advogado afirmar que
em pessoa fugiu a responsabilidades, só
tardamente aparecendo a fazê-lo. Os
meus amigos da Arábia sabem como eu
nenhuma influencia tive na maneira como
tratarão o caso, inteiramente da sua respos-
sabilidade.

Em face da ameaça do tribunal,
Alves Bezerra pede-me para eu ser
ver uma declaração, o que immediata-
mente fiz, sem a menor hesitação.

É o documento que abaixo se
lê:

(Doc. N.º 4)

Le o alvejado

Uma vez conhecido o autor da acusação, a Coop. de Aldoar dá o assunto por arquivado com a avulsa, visto as coisas serem agora definitivas. Se entre mim e a dita pessoa a quem se imputa a responsabilidade da frase.

Desse modo de recebi uma contra-fé para me apresentar na Policia judicial. Ali compareci e ao corrente da acusação que me era feita, confiasse em absoluto tudo quanto dizia na carta que escrevi a Alvez Mesende, junto aos actos, acrescendo ainda em resposta a varias perguntas tudo quanto foi necessario para esclarecer as coisas.

Passou-se o tempo e confiante que o autor da peiza não desistia do seu infeliz propósito, Alvez Mesende, a título pessoal, procura-o a fim de lhe pedir a retirada da queixa. "Impossivel. Era preciso dar uma ensinadela ao autor da calúnia... Vinha muito perto, até gostaria de o ajudar a pagar as despesas (foi-se viu uma generosidade?... Não remosos antecipados?... A. tá ver que ele dá pes. desculpas..."

Entretanto, as relações entre as cooperati-
vas que haviam sofrido interrupção quel-
tas a activar-se, fazerem-se novas reu-
niões a que assistiram representantes de Al-
doar. Prudentemente, o caso ~~de~~ foi to-
talmente excluído dos novos encontros, talvez
chamando-se em França camaradaria, todos,
inclusiveamente Aldoar, representados
pelo presidente da Triunfal e outros ^{reus} dele-
gados. Como eu havia sido indicado pa-
ra ~~ser~~ delegado do "Boletim Coop." nesta
cidade, isto em toda a correspondên-
cia trocada com as Coop. era assinada
por mim, ~~mas~~ cabendo-me o en-
cargo de fazer as convocações, preparar ordens
de trabalho, etc..

Muitas das reuniões realizam-se na Coop. de Lige-
ria da União, já nas proximidades do julga-
mento, estando representadas muitas coopera-
tivas do Porto. Antes do encerramento dos tra-
balhos ^{da} ~~de~~ delegados da Coop. do P. Portuense
disse que seria necessário fazer-se algumas coisas
para se evitar ~~o~~ ^o que num as-
sunto passado adentro das Coop. fosse



a quem fosse. De resto sabia que a
minha afirmação não era uma invenção
de minha, pois tendo assistido à assembleia
surpresa a convocar aqui. E tendo accedi-
do a depor a favor do queixoso, por razões que
desconheço, tinha de facto mais interesse que
ninguém em que o julgamento se
não efectuasse para não ter que velar
um antigo amanda de um nome
que não conheço. . . . Rebate de consciên-

cia. No decurso desta reunião um outro
delegado de Aldoar — meu antigo companhei-
ro de trabalho. . . — ao pretender desfazer
uma dívida acerca das relações existentes
entre as Coop. de Aldoar e Arrábida afir-
mou: "As coop. nada têm com o assun-
to: quem disse a frase foi o sr. C. L. P."

E logo a seguir emendou: "Quem disse
que disse a frase. . . ." Emendou mas
já foi tarde. Este também sabia muito
quem disse a frase, por isso lhe
fugiu a boca para a verdade. . . .

Finalmente é resolvido que uma comissão
de delegados de todas as coop.
— com excepção de Aldoar — se reunirá
no dia seguinte com o queixoso
para lhe fazer ver o inconveniente

de debater um tribunal um assunto
que nunca devia ter saído dos nossos ouvidos,
tentando a retirar as esperanças que o comen-
ciam a despertar.

A entrevista realizou-se, mas de balde...
em vão. Nada havia a fazer. Havia
já gasto muito dinheiro... De resto, a sua
respeitabilidade... Mas, havia ainda um
solução: uma declaração nos jornais em
que se desagravesse sua excelência ofen-
dida...

Quando verá dizer que os detidos a comen-
tar repudiam absolutamente semelhante
pro e toda pretensão.

Calcular, uma declaração nos jornais!

Mesmo que houvesse calúnia da minha
parte, o facto do assunto estar limitado a
estabelecimento meia digna de pessoas, assun-
to praticamente morto, nada justificava
que se fosse ~~publicada~~ para os jornais con-
de, pois é sempre pouco edificante.

Quanto mais ~~se~~ estando a razão inteira-
mente do meu lado! Que ideia fará
esta gente da dignidade alheia?

O meu respeito em um só
worda uma questão que necessaria pu-

- 1 Albert Alves Carneiro
- 2 Antonio Rocha
- 5 Antonio Legalhas
- 4 Luis da Silva Soares

testemunhas, devidamente esclarecidas, explicaram o porquê da minha intervenção... Simplesmente por patifaria da minha parte, ainda proprios fundos por o queixoso ter deitado do por terra os meus propósitos... Não podiam ter dito nada mais infame a covar e a vil mentira. Claro que estas declarações foram feitas com tal poder de convicção e verdade que o Met. Digno não teve dificuldade em concluir do seu valor... E se uma das testemunhas não fosse já entã da em anos — companheiro de infância de meu Pai... — talvez tivesse passado um nam horado por causa da sua ~~partida~~ memória ferida... Não se lembra de nada que tenha sido dito na assembleia, mas lembrava-se perfeitamente que a frase não fora dita...

Fazem minhas testemunhas os srs. Alberto Alves Carneiro, da Coop. do Povo Portuense, Antonio Legalhas, da Coop. de Maracade, Antonio Rocha, da Coop. de Uru. da Praia, Gilis Loureiro Santos e Luis de Silva Machado, ambos da Coop. de Foz. A nota dominante de todos os depoimentos foi a sinceridade — aliás nenhuma

destes meus amigos seria capaz de outras coisas,
e eu jamais cometeria a ^{indignidade} ~~o crime~~ de pe-
dir a algum para falsar a verdade a
meu favor. ~~De mais~~ ^{apresentadas pelo}

As duas primeiras testemunhas da acuse-
ra, Sr. Joaquim Marques Pereira e Joaquim
Alves Buzende, porque conheciam os
antecedentes da questão e me conheciam
incapaz de qualquer calúnia, foram
as primeiras a depor a meu favor, tendo
de Joaquim Pereira feito um depoimento
^{especial} ~~em~~ esse em que deixou bem vinca-
da a sua opinião de que a frase ^{foi} ~~foi~~
deu dita. Garantem-lho o ~~ditos~~ ^{ditos} fatos
de eu o afirmar.

A accusação pretendia que eu comete-
ria o crime de difamação previsto no
artigo

Contra a quem houve accusação contestou
o meu illustre advogado nos seguintes ter-
mos:

(Doc. N.º 5)

No final de 4.^a Sessão na 4.^a audiência
a insinuação das testemunhas requiriam-
-se ~~os~~ alegações dos advogados.

A acusação salientou a ausência de prova
por parte do réu, pelas testemunhas afirmaram
que não ouviam o queixoso fazer a decla-
ração em causa, em contraste com o depo-
nimento de três testemunhas de acusação (de
Aldoar...) que afirmaram não ter a frase
nada dita. Quanto à frase, explicou-se sua
ausência por parte do réu como desforo contra
o fracasso da projectada união civil que
estava impediado...

O meu advogado, num discurso má-
gnifico, repleto de plenas de convicção, destruiu
um a um ~~os~~ protestos depoimentos
das testemunhas do queixoso e as alega-
ções do seu ilustre colega, sobretudo firmando
com energia que ao contrário do que acaba-
na de ouvir o seu constituinte só não
trouxe ao tribunal o testemunho de alguém
que tivesse participado na Assembleia,
porque isso lhe foi impedido pelas
pessoas que tinham interesse em que
a verdade não fosse devidamente es-
clarecida.



O simples facto de ser negado ao meu
constituinte o direito de defesa deita, erroneamente,
diariamente por terra toda a accusação.

Se era mentis, se foi incoerência de réu,
porque, não, lhe deram nomes, antes, os
oultimos? ~~deixado se resistir a esta~~

Uma das testemunhas do queixoso ~~de~~
justificou a sua negação no facto de eu ter
levado todo o meu calhama infame ao sr. . . .

Não se nega hoje o direito de defesa, nem
ao mais bandido do mundo. Em no lu-
gar do queixoso dava ao adversario todas as
possibilidades e mais uma de se defender.

Foi assim que ele e os seus acólitos
houderam?

No quinto audiancia foi lida a
sentença que a seguir transcrevo, dou-
mento ~~trazido~~ trazido pela mão de um gran-
de e notável magistrado e que confiu-
rou as minhas esperanças no va-
lor da verdade e da justiça que me
assistia. ~~Quem diz que não tem~~
É ^{certo} ~~verdade~~ que a justiça tem os olhos ven-
dados, mas divinamente como os egos
não se deita engarinar com facilidade.
dade. . . .



alguns amigos, ao saberem que ventura das
muitas testemunhas confirmarem as minhas pala-
bras, concluiriam logo por condemnar certo.

⁴
Final tu não tens provas, homem. Não te
solvas se o queicoso apresentar testemunhas em
contrário, o que é mais que certo."

Mas que — perguntava — então é in-
ficiente haver quem diga sim ou não para o
juiz condemnar ou absolver?! Mas então a jus-
tiça é isso?! Os magistrados são joguetes na mão
do primeiro miserável que possa aparecer?
Para quê cultura superior, para quê ciências,
para quê inteligência?! Apenas para graduar
a pena que a testemunha deturcava?!
Não! Em vez de 3 poderiam ser 30 ou

300 as testemunhas a afirmarem que um
oculto, que nem assim eu descrevia de fuma-
ção, da prespicácia, da inteligência, do saber
de quem é obrigado a julgar.

Podia lá ~~ser~~ ser 3 ou 30 testemunhas perjuradas
— analfabetas, ignorantes, miseráveis em tan-
tos casos — enganarem quem tem o dever
de ler nos rostos, nos gestos, e que as palavras
escondem e nestas o nu. verdadeiro signifi-
cado? Não. Neste caso um simples offi-
cial de 5.^a classe poderia julgar.



(Caso del
alboar)

Um caso
insólito nos meios
cooperativistas

Refiro tu que me lamentar de uma
decret injusta a emergoção - me
de uma vitória desleal.

Quint Cívico

Paris 1953

J.F.C.

Cooperativismo
Noite

I

Uma assembleia
em
Alcôvor

Porto 1950

81

81

Quando no dia 15 de abril de 1950 ^{intercrei} ^{em Alcôvor}
reuniram-se ^{com a presença de coop. de vizinhos} outros delegados das Cooperativas do Porto
Portuense, ^{para assistir a uma reunião de caráter}
^{retiradas de assuntos} convocada pela Cooperativa
Rural da veterana União Familiar de
vários de Barcelos, li em nome da Cooperativa
da foz que representamos o seguinte documento:

"Antes de mais nada as nossas saudações para
todas as Coop. aqui representadas e em especial pa-
ra os promotores deste reunião. Comtamente
não sabemos a que se destina, mas basta
nos o simples facto de se ter realizado este en-
contro para nos sentirmos reunidos e reunião
satisfeitos. |

Finalmente, depois do longo interregno de ^{esta}
nossos anos, os elementos responsáveis do movi-
mento cooperativista desta cidade e seus arredores
nos voltam a encontrar-se... Facto que só por
si é, como dissemos, motivo de interesse e
satisfação para nós e outros que para todos
quanto aqui estão reunidos.

Cooperativismo, cooperação, coopera-
— correspondem a espíritos unificados dos im-

divíduos para a consecução de determinados
objectivos. Se se prova que a cooperação entre
os homens é vantajosa, será lamentável não
tirar dela todas as suas consequências. O coo-
perativismo português - e nomeadamente o do Nor-
te - desarticulado, fragmentado, individuali-
zado começa por seregar a si próprio...
Não acredita, ou se acredita, não quer, e se
quer não pode transformar-se num verda-
deiro cooperativismo devidamente estrutu-
rado. Se da reunião dos indivíduos na
Coop. podem resultar inegáveis vanta-
gens para eles, da reunião das cooperativas
num órgão central podem resultar grandes
benefícios para estas. O princípio é o mes-
mo: conjugação de esforços, as possibili-
dades idênticas, os resultados semelhantes.
Do isolamento nada se pode colher, da
união, tudo.

Orar esta reunião, qualquer que seja
o resultado a atingir deve ser saudada
como o despendon de uma bandeira
na qual se lê esta palavra: "Cooperar."
E completamos: "Cooperar agora e sempre,
cooperativistas do Norte!" Tendes uma fer-
ramenta, sabeis manejar-la!"



Não sabemos se os objectivos a atingir nos
trabalhos são restritos e transitórios. Talvez,
se atingidos eles venha cada Cooperativa pa-
ra não ter de continuar a viver à margem
dos demais, num isolamento incompreen-
sível. Desejamos ardentemente que assim
não seja, fazemos votos sinceros para que
saia daqui alguma coisa mais que
uma atitude passageira. Há-se abram
hoje aqui os trabalhos em que assente
futuramente o organismo que coordi-
nando os esforços de todo tanto possível
que o nosso movimento se aproxime
um pouco do que se vai fazendo lá
por fora.

Quando o próprio princípio não está em
causa, que importância os erros, os frac-
sos, as fraquezas dos indivíduos? Tudo
isto se corrige, se aperfeiçoa, se acantella.

Falharão tentativas anteriores?

Por culpa dos homens ou dos métodos
dos postos em prática?

Diminuem-se mais por causa dos
métodos que por causa dos homens



Nestas coisas o importante é o processo, e técnicas de trabalho. E os processos, as técnicas, renovam-se, adaptam-se aos factos tendo em conta os homens que os têm de pôr em prática.

Faremos talvez estranho que vejamos nós, representantes de uma das mais modestas cooperativas aqui presentes quem venha falar de uma obra inegavelmente grande. Ninguém suponha, no entanto, que nos move o desejo de conseguir a motesca das demais, visto estarem em condições muito mais vantajosas. Nada disso. Estamos dispostos a dar tanto como recebermos, espaço por espaço. Queremos simplesmente colaborar, cooperar com as sociedades congêneres, não tendo em vista, não servir mais e melhor os princípios cooperatistas.

Não querendo ganhar-nos mais tempo, permite que finalizemos, concretizando o nosso juramento:

Qualquer que seja a finalidade deste reunião e as consequências suas



práticas, deve ficar assente nela que
consideramos indispensável a criação
de um órgão federativo e que estamos
todos prontos a conceder para a sua criação,
concedendo por designar hoje mes-
mo uma Comissão que se encarregue
de debater os trabalhos necessários para
serem oportunamente debatidos na
na Conferência de delegados de todas
as Cooperativas do Norte, depois de
terem sido primeiramente estudados
pelos associados reunidos em Assem-
bleia nas respectivas sociedades.

Éis, prezados amigos e caros colegas
o que nos parece ser um primeiro e
decidido passo no caminho do forte
desenvolvimento do movimento cooperati-
vista, tirando-se desta reunião dup-
los e esplendidos resultados."

O delegado da Coopr.
de P. e C. dos Trabalhadores
da Foz de Azevedo

queda por um representante de cada uma das seguintes Cooperativas: Rualde, Arribida e Foz, a seu convite reunem novamente as Coop. no dia 27 do mesmo mês, para tomarem conhecimento de algumas deliquências feitas junto do ^{Delegado do} Juiz dos Armasenistas de Mercaria, de correspondências trocadas com a rede em Lisboa e em treço de um projecto de estatuto para uma União de Cooperativas.

Além das Cooperativas de Aldoar, Arribida, Fausers, Foz, Leodelo do Ouro, Mercaria da Maria, Povo Portense e Rualde esteve também presente, atraído por uma notícia dos jornais, um representante da Coop. Inglesa, que seguiu os trabalhos com muito interesse.

Neste reunião notou novamente a disantia - a o processo da antiga União, tendo os delegados de Aldoar posto tal clara nas suas objectos que todos os presentes não tardaram a conduzir que pelo lado deles nada se conseguia.

No entanto, para provar que dos parte dellas, delegados, nenhuma via von

todo existia, leram. Depois
um airo convocatorio de uma Assem-
bleia Geral ~~extraordinaria~~ em cuja or-
dem de trabalhos estava incluido a
resolucao sobre a adesao ao organismo que
se ia criar. Era exactamente assim
que todos entendiamos que as coisas de-
riam ser feitas, e nem de outro modo
seria possivel. Nenhumas Dificuldades tinha-
mos para dar a adesao da sua Coope-
rativa nem que ~~as fossem~~ associados fo-
rem principalmente convidados. Sim-
plesmente o que desde logo se desejava
nem prejuizo, claro, das resolucoes das
assembleias, era que o principio da fe-
deracao fosse aceite em principio, esto
beleando-se sobre isto uma unanimi-
dade a todos os titulos simbolicos e van-
tajosos. Mas os representantes de Aldon
nao aderam. So depois da Assem-
bleia e que se pronunciaram. E
trouxeram novas achegas contra a dese-
jada Uniao, deixando perceber
claramente que nao estavam dis-

postos a cair montes...

Como acontece nestas reuniões trocamos algumas palavras um tanto ou quanto ásperas, que mostram virtualmente com o encerrar dos trabalhos. Assim, pelo menos, o pensares eu.

Da maneira como nós, os que nos legamos por uma nova união nos comportamos em face dos agressivos comentários dos delegados de Aldoar di-lo o requirer por menor: o sr. Debes, representante da Coop. Inglesa, abeirou-se da mesa a que eu me sentava, e disse-me: "Os senhores estão a ser de uma grande benevolência para com aquelas pessoas. No vosso lugar arrasava-os."

Encerrou-se a sessão, requiriam-se outros trabalhos da comissão, e no dia 14 de Maio regresso combe-me a mim na impossibilidade de o fazerem António Mopelhaís e ^{meu colega da comissão} Aires Prezende a quem deixaria de ir assistir à Assembleia da Coop. de Aldoar para, conforme criei, o que apresentei, prestar todos os esclarecimentos necessários. ~~Até~~

Fez-se um enorme barulho pelo facto de eu ter enrolado o convite que os delegados de Alboar mandaram para a Mesa. A verdade, porém, é que graças a esse convite no dia e hora indicados a Comissão estava presente, o que só por si d'isto por terra a pretendida e tão explorada falta de concias que eu mesmo festei ao enrolar o papélzinho. Quando falham os argumentos, inventam-se.

O que foi essa Assembleia digo-o nas páginas seguintes, um relato in-instantâneo feito na tarde dequelle mesmo dia, sobre uma dúzia de palavras que registei durante a reunião, mas que foram o bastante para eu não adulterar nada do que lá se passou. É confrontando-se o meu relato com a transcrição ^{parcial} da acta official que a diante se faz verificação que eu não exagerei, pelo contrário.

Não altero uma única palavra, e não seria difficil provar, scientificamente que os ~~plágios~~ original tem a idade que lhe attribuo, o que não

rei se acontecendo em certa
hora esquisita... à última
hora...



(Doc. N-0 1)

Relato de una Asamblea



Escrevi o relatório que acaba de ler-se
no propósito não só de por os meus colegas
da comissão ao corrente de tudo quanto se passasse
na curso de esclarecer os dirigentes das di-
ferentes cooperativas acerca da maneira co-
mo os nossos assuntos tinham sido tratados
dos naquela assembleia. Propus aos meus
colegas que se convocassem os militantes
a uma reunião onde aquele trabalho seria
lido, atacando-se desde logo o assunto. En-
tendiam, porém, eles que seria inoportuno,
não fazê-lo, e eu tive que conformar-me.

Triz. lhes um relatório verbal minuto da
assembleia, e para lhes dar a medida
exacta da coisa referi-lhes as passagens
do discurso de um dos oradores precisa-
mente sobre as Coop. de Anábiola
e Moural de ce que eu, para evitar pos-
síveis aborrecimentos entre as Coope-
rativas visadas prudentemente omi-
ti no meu relatório. Esqueci-me, po-
rém, que elles eram representantes das
Coop. atingidas e que poderiam

informar estas do que de inconveniente
se disser nas assembleias a respeito delas. No
lugar delas nada devia ~~expressadamente~~ para
evitar estas ~~abonanciamos~~ ~~entranhas~~
~~práticas~~ ^{pelas} ~~quais~~ ~~trabalhadores~~ ~~se~~ e confesso
que se souberse que destransmitiam
as muitas informações não lhas teris
perdido, limitando-me ao que havia es-
crito - não porque tivesse o mais ligeiro
receio de quaisquer consequências pessoais,
mas porque acares justamente que
pudesse surgir qualquer ~~abonanciamos~~
entre Aldoar e as coop. ~~abonanciamos~~ ^{criticadas}, ~~co~~
realmente acontecer. So' por isto.

A Coop. de Remalde posta ao corrente
do assunto pelo seu representante no Conis-
nato, em 12 de Junho seguinte, en-
viou in de Aldoar o seguinte officio:

(Segue - no Doc. N-02)



A este ofício responderem eldoar em 21
com o que a seguir se transcreve:

(Segue-se Doc. N.º 3)

Despacho

Da carta Não sei o que o autor des-
ta carta quis dizer quando escreveu:

"Esta é' que deve ter sido a apreciação que
tiveram à informação que gratuitamente
eles deve ter sido dada e porque não puley
devo admitir que a mesma tenha sido
só de V. Ex.ª, porque entendemos que
não deve ter esquecido, etc., etc."

Está é' pouco mais que uma charada, em
tudo parece adivinhar neste embóglio
que o autor quis dizer que na as-
sembleia apenas se sentou o

